

A progressão do *securitarismo*

Renato Militão

Advogado

Doutorando em Direito na Faculdade de Direito de Coimbra

SUMÁRIO: 1. O *capitalismo neoliberal global*; 2. A *insegurança subjetiva*; 3. O discurso político do *status quo* sobre a *insegurança/segurança*; 4. O papel da *comunicação social*; 5. O contributo da *criminologia* e da *doutrina penal*; 6. A *efetivação do securitarismo*; 7. *Reflexões finais*.

1. A partir de meados da década de 70 do séc. XX, fruto de uma alteração da correlação das forças sociais e políticas, cujas causas não cabe aqui analisar, tornou-se patente nos países ocidentais a paulatina substituição do modelo do Estado social e democrático de direito por um outro inspirado no velho liberalismo.

Desde então, tem-se assistido nesses países quer à implementação de políticas monetaristas e de emagrecimento orçamental, quer à desregulação, liberalização^[1] e privatização da economia e da generalidade dos

[1] Pese embora sejam bastas vezes confundidos entre si, os conceitos de desregulamentação ou desregulação e liberalização correspondem a realidades

distintas. A desregulamentação ou desregulação traduz-se na redução da disciplina jurídica da economia e das demais relações sociais. Já a liberalização

corresponde à abertura de determinados setores económicos ou sociais à iniciativa privada e ao mercado.

demais sistemas sociais. As funções económicas e sociais do Estado e, por consequência, os direitos sociais têm sido drasticamente minguados. Concomitantemente, o espaço para a participação dos trabalhadores, a intervenção política e a cidadania em geral vem ficando cada vez mais reduzido.

Todavia, o *neoliberalismo* tem sido concretizado também no plano internacional. Os Estados dos países do centro capitalista, as organizações económicas internacionais por eles dirigidas e os grandes grupos empresariais desses países têm imposto, por um lado, a livre circulação internacional de capitais, bens e serviços e, por outro lado, a implementação pelos países periféricos quer da desregulamentação, liberalização e privatização da atividade económica e da generalidade das restantes atividades sociais, quer das políticas económicas e orçamentais *neoliberais*^[2]. A par, igualmente as formas políticas e os “valores” do *neoliberalismo* têm sido exportados para os países das periferias, como solução única e *fim-de-história*, abafando qualquer alternativa ideológica, *maxime* de esperança.

Entretanto, o desmoronamento do ex-Bloco de Leste escancarou as portas para a intensificação desse modelo por todo o lado. Tanto pelos espaços que lhe abriu, como por ter implicado o desaparecimento de um modelo alternativo^[3].

Em suma, o *capitalismo neoliberal global*, como diz JOSÉ BARATA-MOURA, tornou-se «um modelo único de dominação económica, política e cultural»^[4].

Todo este enquadramento radicalizou o individualismo, a concorrência e o egoísmo. O que vale por dizer que valores como a responsabilidade social, o serviço público, a cooperação e a solidariedade

[2] Cfr., por todos, CHOSSUDOVSKY, MICHEL, *A Globalização da Pobreza e a Nova Ordem Mundial, Caminho*, Lisboa, 2003, págs. 63 e segs. Sublinhe-se que, na década de 1980, o processo de desregulamentação, liberalização e privatização foi implementado em mais de 100 países.

[3] Como dizem EDGAR MORIN e SAMI NAÏR, «[o] desaparecimento histórico da alternativa comunista (...) deixa um vazio medonho, onde a energia para a esperança se transforma em pressão para a catástrofe» (cfr. MORIN, EDGAR, e NAÏR, SAMI, *Uma Política de Civilização*, Piaget, Lisboa, 1997, pág. 213).

[4] Cfr. BARATA-MOURA, JOSÉ, *O Mundo de Múltiplas Vozes, in Estudos sobre a Globalização da Sociedade Civil (Ensaios de 2004-2005)*, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, Massamá, 2008, pág. 70.